



CONEDU
Congresso Nacional de Educação
18 a 20 de Setembro de 2014

HISTÓRIAS EM QUADRINHOS E FORMAÇÃO DO LEITOR

Judy Mauria Gueiros Rosas
Universidade Federal da Paraíba (UFPB)
judyrosas@superig.com.br

INTRODUÇÃO

Consideramos que o estímulo e o desenvolvimento do hábito da leitura constituem fundamentais ferramentas para que seja possível a ampliação da compreensão do mundo e das relações em que homens e mulheres se imiscuem.

Também entendemos ser a leitura uma prática que pode ocorrer em qualquer lugar ou situação. Apesar do gênero textual, parece-nos que, inicialmente, o mais importante é possibilitar o contato das pessoas com o texto escrito fazendo-lhes perceber que a leitura é atividade prazerosa.

O presente artigo aborda aspectos teóricos e contextuais que contribuem para a formulação da nossa hipótese central e que motivou o desenvolvimento do projeto intitulado Lá Li Gibi: demonstrar que a linguagem fluida, rápida e apoiada por gravuras e ilustrações, características dos gibis, tirinhas, charges e mangás, podem constituir-se em formidáveis portas que se abrem para o universo dos livros e da leitura.

Adentramos o século XXI com mais de 13 milhões de jovens e adultos analfabetos absolutos e com outro tipo de analfabetismo que afeta aqueles que estudaram, mas não construíram habilidades de leitura e escrita que lhes permitam utilizá-las cotidianamente como instrumentos de comunicação. Esta situação afeta a maior parte das pessoas que cursam ou cursaram o ensino fundamental: o chamado analfabetismo funcional.

Segundo Tiezzi (2008), o conceito de analfabeto funcional refere-se, “a pessoas que, mesmo sabendo ler e escrever algo simples, não têm as habilidades necessárias para viabilizar o seu desenvolvimento pessoal e profissional”. Ou seja, o analfabeto funcional lê, mas não compreende o que leu, conhece os números, mas mal sabe utilizar as operações fundamentais da matemática.

De acordo com o Censo Demográfico de 2010, ao considerar as pessoas a partir de 10 anos de idade sem instrução ou com ensino fundamental incompleto,



chega-se ao percentual de 50,2% e na região Nordeste o percentual atinge 59,1% (BRASIL, CENSO 2010, p.87).

Também há que se considerar, segundo a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD) 2012, que dos 44,8 milhões de crianças e adolescentes brasileiros de 4 a 17 anos de idade, mais de 3 milhões destes sujeitos encontram-se fora da escola (IBGE, PNAD 2012).

Ao enfocarmos tal situação objetivamos indicar que é na escola que estão sendo forjados os analfabetismos absoluto e funcional, e estão sendo produzidos os não leitores. Local que objetiva processar a transmissão de conhecimento e o desenvolvimento do letramento, a escola engessa o processo de leitura, tornando-o uma atividade enfadonha e desligada de sentido para o leitor.

Segundo Hila (2009), ainda hoje, o processo de inclusão do texto na escola objetiva, principalmente, gramaticalizá-lo. Para a autora, a escola não se dá “conta de desenvolver as capacidades de leitura e de escrita necessárias para a participação efetiva do indivíduo num mundo multissemiótico” (p.7).

Nosso interesse, portanto, é expor as pessoas que ainda não desenvolveram o hábito da leitura a um gênero textual que possa facilitar a síntese necessária à leitura significativa.

Segundo Lovetro (1995), “o encanto do desenho (...). O impacto visual é sempre a ‘mola’ que move a vontade de ler. (...) Os sons transformados em palavras são mágicos e dão a acústica da ação” (p.95).

Daí incluímos na nossa ação extensionista, desenvolvida com alunos dos cursos de Pedagogia e de Letras da UFPB em parceria com a Biblioteca Popular Riacho do Navio, cujo desenvolvimento empírico acontece quinzenalmente, aos domingos, na Praia da Penha (em João pessoa), além da leitura de vários tipos de histórias em quadrinhos, seções de contação de histórias e momentos em que os leitores sejam desafiados a construir seus próprios quadrinhos com histórias vividas ou imaginadas, com histórias que lhes sejam significativas.

Hoje se utilizam as histórias em quadrinhos em campanhas educativas, publicitárias, e até livros didáticos. Porém, nem sempre houve boa aceitação com relação a este gênero textual. Em 1928, a Associação Brasileira de Educadores



(ABE) publicou um manifesto contra as histórias em quadrinhos (HQs) porque “incutiam hábitos estrangeiros nas crianças” (CARVALHO, 2006, p.32).

Ainda segundo o citado autor, em 1944, o Instituto Nacional de Educação e Pesquisa (Inep) divulgou uma pesquisa que concluía serem as histórias em quadrinhos responsáveis por provocar “lerdeza mental” nas crianças, visto que estas preferiam as histórias em quadrinhos à leitura de livros.

Hoje, as HQs são lidas por crianças e adultos e representam, indubitavelmente, uma forma de leitura amplamente difundida.

Realizamos esta breve discussão acerca do projeto de extensão Lá Li Gibi, ora em desenvolvimento, cujos objetivos são: 1 - Reconhecer as histórias em quadrinhos como gênero textual que favorece o desenvolvimento do hábito da leitura; 2- instaurar situações de leitura e escrita de múltiplas formas e em quaisquer espaços; 3- melhorar as habilidades de leitura da população que atendemos na Praia da Penha.

METODOLOGIA

Tendo sido deflagrado no início do ano de 2014, iniciamos este projeto realizando estudos e crítica a respeito da situação da leitura no Brasil. Refletimos como, historicamente, a questão do desenvolvimento do hábito da leitura se deu no Brasil, o papel das bibliotecas para a formação de leitores e, especificamente, o processo que desencadeou a inserção das histórias em quadrinhos nas práticas escolares.

Consideramos que tais conhecimentos constituem pré-condições para realizarmos a nossa intervenção na praia escolhida, ao oferecer para leitura aproximadamente 1.000 gibis (pertencentes ao acervo da Biblioteca Popular Riacho do Navio e disponibilizado para o projeto ‘Lá Li Gibi’), de épocas e temáticas variadas, além de apresentarmos duas seções de contação de histórias em cada domingo e organizar espaço em que a população seja convidada a produzir suas próprias histórias em quadrinhos. Para que tais atividades atinjam os objetivos projetados realizamos seminários sobre personagens e revistas em quadrinhos, estudamos acerca dos processos de contação de histórias e de produção de HQs.



CONEDU
Congresso Nacional de Educação
18 a 20 de Setembro de 2014

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Inicialmente problematizamos a questão da leitura no Brasil e o papel da biblioteca para o letramento da população, propusemos nos apropriar de teorias, de conhecimentos construídos, para que nossa intervenção possa ser consciente e competente e com as consequências planejadas.

Desenvolvemos uma proposta de abertura da universidade, a partir do estabelecimento de trocas com pessoas que, apesar de estarem fora dela, não lhes pode ser negado o acesso aos saberes socialmente construídos.

Por fim, retornamos das nossas intervenções e necessitamos sistematizá-las e construir as teorias que as sustentem, lhes deem sentido e concretude.

Dos resultados deste processo, necessariamente compartilhando com discentes e docentes dos cursos de Pedagogia e Letras da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), faremos o caminho de volta à sala de aula, ao debate acadêmico e contribuindo com o processo formativo dos alunos e professores que ensinam e aprendem, numa relação que só o processo de produção do conhecimento pode capturar.

Também entendemos que esta ação, que é prática e ao mesmo tempo investigativa, alimenta a hipótese de que tanto a universidade como as bibliotecas devem extrapolar os seus domínios físicos, indo aos lugares onde os não leitores estão, para mostrar que podemos ler em múltiplas circunstâncias e que a leitura pode ser prazerosa e habitual.

CONCLUSÃO

Defendemos a ideia de que todo conhecimento produzido deve ser difundido, divulgado, multiplicado. Só assim poderemos nos certificar de que sujeitos se apropriem deste bem socialmente construído e que deve, pela sua própria natureza, ser apropriado por tantas pessoas quantas seja possível.

Procuramos enfrentar o desafio de encontrar alternativas que promovam e alicercem as condições necessárias à formação do leitor e os reatamentos que o hábito da leitura possa ensejar.

‘Ler, imaginar, criar, escrever’ é a fórmula que propomos para envolver crianças e adultos no mundo da leitura.



REFERÊNCIAS

1. BRASIL. Ministério do Planejamento, Orçamento e Gestão. IBGE. Censo demográfico 2010. Brasília: 2011. Disponível em: <ftp://ftp.ibge.gov.br/Censos/Censo_Demografico_2010/Resultados_Gerais_da_Amostra/resultados_gerais_amostra.pdf>. Acesso em: 12 ago. 2013>.
 2. BRASIL. Ministério do Planejamento, Orçamento e Gestão. IBGE. PNAD 2012. Disponível em: <www.ibge.gov.br/home/estatistica/.../sinteseindicisociais2012/default.shtm>. Acesso em: 5 out. 2013.
 3. CARVALHO, DJota. A educação está no gibi. Campinas: Papyrus, 2006. Disponível em: <<http://books.google.com.br/books?hl=ptBR&lr=&id=RrjfdczR3dEC&oi=fnd&pg=PA7&dq=a+import%C3%A2ncia+do+gibi+na+leitura&ots=EpekGhYkmt&sig=Ppv4mUvGJlKRbVyzIOMd3DUuHXo#v=onepage&q=a%20import%C3%A2ncia%20do%20gibi%20na%20leitura&f=false>>. Acesso em: 9 jan. 2014.
 4. HILA, Cláudia Valéria Doná. Ressignificando a aula de leitura a partir dos gêneros textuais. In: NASCIMENTO, E.L. (Org.). Gêneros textuais: da didática das línguas aos objetos de ensino. 1.ed. São Carlos: Editora Claraluz, 2009, p.151-194. Disponível em: <http://www.escreita.uem.br/adm/arquivos/artigos/publicacoes/leitura_e_ensino/Claudia_Ressignificando_a_aula_de_leitura__livro_SIGET09%5B1%5D.pdf>. Acesso em: 1 mar. 2014.
 5. LOVETRO, José Alberto. Quadrinhos – a linguagem completa. Comunicação e Educação, São Paulo, jan./abr.1995. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/comueduc/article/view/36141/38861>>. Acesso em: 26 fev.2014.
 6. TIEZZI, Ricardo. Brasil analfabetizado. 2008. Disponível em: <<http://www.geracaobooks.com.br/literatura/texto1.php>>. Acesso em: 16 jan. 2013.
-